

Fotógrafa, fotografias, livro, filme, carta e as muitas outras dimensões na experiência de Susan Meiselas na Nicarágua¹

Eduardo Queiroga²

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Resumo

A partir do filme “Nicaragua: Voyages”, exibido em 1985 com fotografias e reflexões da fotógrafa estadunidense Susan Meiselas sobre a revolução sandinista, a pesquisa busca observar relações e angústias presentes no documentário colocando-as em diálogo com pensadores como Andrea Soto Calderón, Jorge Larrosa e Georges Didi-Huberman. Nos instiga perceber, 40 anos depois, quantas novas camadas surgem, em especial quando acionamos noções como experiência e sintoma, em um percurso que já temos seguido observando práticas dialógicas na fotografia.

Palavra-chave: fotografia; fotojornalismo; experiência; fotografia dialógica.

Através do documentário “Nicaragua: Voyages”, de 1985, escrito pelo diretor britânico Marc Karlin e pela fotógrafa estadunidense Susan Meiselas, investigamos noções de experiência e sintoma, em diálogo com o pensamento de teóricos como Andrea Soto Calderón, Jorge Larrosa e Georges Didi-Huberman. O filme se constrói articulando fotografias do livro “Nicarágua, junho de 1978 – julho de 1979” (Meiselas, 1981) e uma carta que a fotógrafa escreve ao diretor, refletindo sobre sua experiência no país da América Central. Meiselas viajou à Nicarágua pela primeira vez em meados de 1978, como uma documentarista independente – ela já fazia parte da agência francesa Magnum e nutria curiosidade sobre o movimento oposicionista à ditadura da família Somoza, que governava aquele país por quase cinco décadas. Passou seis semanas e publicou uma matéria de capa no New York Times, que “a impulsionou da obscuridade para a linha de frente do fotojornalismo internacional” (Panzer; Caujolle, 2005, p. 206). Depois disso decidiu voltar à Nicarágua e seguir cobrindo a revolução sandinista até a derrubada do regime ditador em 1979.

Se o filme já trazia muitas questões envolvendo a fotografia lá quando foi produzido, assisti-lo hoje, passados 40 anos, traz outras camadas que nos interessa intercalar. Na tela, fotos que compõem o livro são apresentadas em movimentos de

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação, professor do Departamento de Fotografia e Cinema da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E-mail: queirogaeduardo@ufmg.br.

arrasto ou aproximação, ora enfocando detalhes, ora exibindo-as por inteiro. De fundo, a voz do diretor em uma narração baseada na carta recebida mescla citações diretas e indiretas. Nas palavras, reflexões contundentes sobre a atividade fotojornalística e conflitos pessoais sobre as fronteiras entre a relação distante da correspondente estrangeira e o envolvimento com a causa, como quando afirma: “eu tenho fotografias, eles têm uma revolução” (NICARAGUA: VOYAGES, 1985). Em outro momento relata ter devolvido uma teleobjetiva 400mm pois dava a falsa impressão de que ela estaria perto do acontecimento, mas afirma que estar perto não é suficiente para se livrar das contradições. É curioso que em meio a tantos relatos de interesse em relacionar-se com a causa – embaçamentos entre sua condição de portadora de um passaporte americano e a possibilidade de ser confundida com uma participante da guerrilha –, a fotógrafa se queixe de que “a experiência não está na imagem” (idem). Para Jorge Larrosa, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (2022, p.18). E para isso acontecer, é preciso tempo, parar para olhar, olhar mais devagar. Incompatível com o trabalho muitas vezes apressado dos fotojornalistas. O autor também é crítico à informação que “não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência” (2022, p. 19). A experiência exige o encontro.

A fotografia também exige encontro: é fundamental que câmera e fotografado compartilhem um mesmo espaço e tempo, aquilo que Ariella Azoulay (2024) denomina como “evento”. Mas, muitas vezes, o que se tem como resultado é apenas a apreensão da aparência e não tudo aquilo que o encontro pressupõe. Talvez aí esteja uma chave para a queixa de Meiselas, para a prática desconectada de muitas das produções fotojornalísticas. Tem nos importado pensar alternativas a práticas que se alinham a modos opressores de produção fotográfica, entendendo aqui não apenas aqueles exemplos mais violentos, mas também atos corriqueiros e normalizados que não respeitam ou dialogam com os sujeitos fotografados (Queiroga, 2023). Andrea Soto Calderón, ao criticar a redução das imagens ao seu aspecto figurativo, advoga não pela negação da representatividade, mas pelo entendimento de uma espécie de interstício, uma vez que “uma parte considerável do trabalho das imagens consiste em criar novos laços” (2020, p. 54), destacando a possibilidade de que uma imagem pode significar fora de seu tempo, algo que se aproxima do que Georges Didi-Huberman trabalha a partir de anacronismo e sintoma.

Referências

AZOULAY, Ariella Aisha. **História potencial: Desaprender o imperialismo**. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

SOTO CALDERÓN, Andrea. **La performatividad de las imágenes**. Buenos Aires: Metales Pesados, 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MEISELAS, Susan. **Nicaragua: June 1978 – July 1979**. New York: Pantheon Books, 1981.

NICARAGUA: VOYAGES. Direção: Marc Karlin. Reino Unido: Channel 4, 1985. 1 vídeo (42 min), son., color. Programa de televisão transmitido em: 14 out. 1985.

PANZER, Mary; CAUJOLLE, Christian (textos). **Things As They Are: Photojournalism in Context Since 1955**. Nova York: Aperture, 2007.

QUEIROGA, Eduardo. **Apontamentos para uma fotografia dialógica**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 46. 2023. Anais [...]. PUCMinas: INTERCOM, 2023.